

# O divã e a bússola

*A psicanálise e sua  
necessária estrangeiridade*

**Mariano Horenstein**



# O divã e a bússola

*A psicanálise e sua  
necessária estrangeiridade*

**Mariano Horenstein**

TRADUÇÃO Julián Fuks





*Para meu pai, de quem recebi a linguagem*

*Para meu avô, de quem recebi a ostranenie*



# Sumário

|                                           |     |
|-------------------------------------------|-----|
| Prefácio à edição brasileira              | II  |
| остранение                                | 23  |
| Crime por encomenda                       | 27  |
| O urso polar antártico                    | 33  |
| Os <i>impasses</i> da autoctonia          | 41  |
| Curar-se da autoctonia                    | 47  |
| Tornar-se estrangeiro                     | 53  |
| A possibilidade de uma ilha               | 59  |
| O mapa, o território (Asakusa)            | 67  |
| O lugar das teorias (o urso)              | 75  |
| A teoria como lugar vazio a ser explorado | 83  |
| Ilusões teóricas                          | 89  |
| Cartografar o mundo outra vez (Bispo)     | 93  |
| A estratégia da aranha (Saraceno)         | 97  |
| Que psicanálise?                          | 101 |
| Ao fim e ao cabo, a estrangeiridade       | 121 |
| Geografia como destino (a baleia)         | 125 |
| Então, que geografia?                     | 129 |

|                                                |         |
|------------------------------------------------|---------|
| O que é um lugar? Uma fábula real              | 133     |
| Tempo e espaço                                 | 139     |
| O lugar da análise                             | 143     |
| Elogio da distância                            | 147     |
| Lococentrismo ou como abrir lugar para o lugar | 151     |
| <i>Terroir</i>                                 | 161     |
| GPS                                            | 163     |
| Juliette Binoche, psicanalista                 | 167     |
| Efeitos de tradução                            | 171     |
| A máquina de produzir estranhamento            | 175     |
| A bússola e a poltrona <i>bergère</i>          | 179     |
| A legião estrangeira                           | 181     |
| Um meteco em Atenas                            | 185     |
| <i>Ostranenie</i>                              | 189     |
| Epílogo                                        | 193     |
| Coda: sobre o mistério                         | 197     |
| <br>Imagens                                    | <br>215 |
| Bibliografia                                   | 217     |

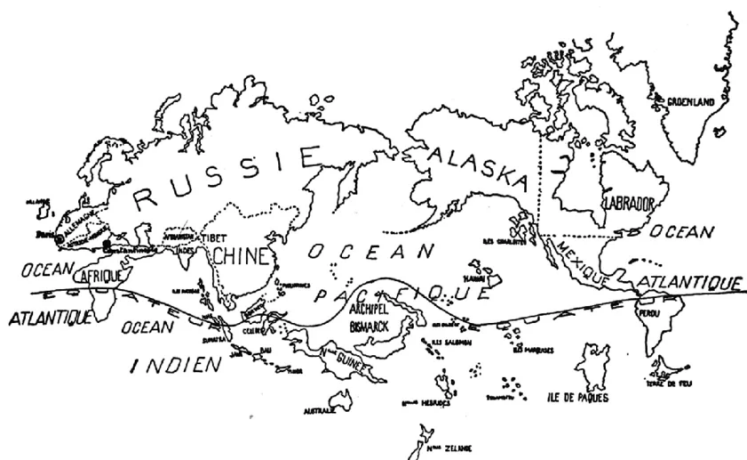
*Because I know that time is always time  
And place is always and only place  
And what is actual is actual only for one time  
And only for one place*

T. S. Eliot



# Prefácio à edição brasileira

Uma introdução, três digressões



## I

Em 1929, quase cem anos atrás, os surrealistas, esse movimento artístico que não existiria sem a psicanálise, propuseram um mapa-múndi particular. O mapa subvertia qualquer representação convencional, distorcia as escalas relativas dos países e fazia da geografia um exercício de imaginação, uma declaração de princípios.

Alguns países desapareciam, outros se alongavam, Paris e Constantinopla se converteram nas únicas cidades existentes. A velha Europa já não ocupava o centro, e, se havia algum, estava no meio da água. Os Estados Unidos desapareciam, assim como a França, a Itália e o Reino Unido. A

Ásia, ao contrário, junto com a Polinésia e parte da América Latina, foi hierarquizada. A cartografia surrealista era também um manifesto anti-imperialista, uma poética, uma declaração amorosa, um jogo levado a cabo com toda a seriedade do caso.

Em sua jocosa proposta, operando com os extremos, os surrealistas apontavam para algo sério e preciso: a insensatez de toda representação, os caprichos da razão cartográfica. À maneira dos patafísicos, ao tornar irrisório algo que costumamos levar excessivamente a sério, mostravam a ficção de nossos códigos habituais e assinalavam que o rei está sempre, afinal das contas, nu.

Este livro, ou melhor, esta nova edição de um livro já publicado, requer uma introdução particular porque, embora continue o mesmo, já não é o que costumava ser. Se, como autor, mudei desde sua publicação original, o que aqui postulei resistiu o suficiente à passagem do tempo para que eu continue a sustentá-lo.

Mais ainda, algo que nasceu a partir de um convite para escrever, algo para o qual tive de imaginar um título tão inusitado em sua combinação quanto o guarda-chuva e a máquina de costura dos surrealistas, converteu-se no primeiro livro de uma trilogia sobre a importância do lugar na psicanálise, sobre a qual ainda trabalho.

Desde que o escrevi, como disse, mudei. Este pequeno livro foi escrito entre duas viagens que se revelaram determinantes para meu caminho como analista: a primeira foi ao Irã, a última ao Japão. O livro tinha ainda como desfecho uma conferência que proferi na Índia. Essas três coordenadas – Pérsia, Nihon, Hindustão, em suas antigas denominações – me serviam para geolocalizar as notas que este livro alinhavava como contas em um colar. Mas não estava

escrito do lugar do turista ávido por exotismos, nem sequer do viajante curioso que quer ir além do habitual. O lugar de enunciação de sua escrita, que devia muito ao Oriente, era na verdade aquilo que Octavio Paz chamou de “Extremo Ocidente”, a América Latina, nossa terra.

À frente de um projeto editorial de escala latino-americana que me coube conduzir, havia decidido que esse – e não uma cidade, o espaço habitual da prática psicanalítica, ou um país, nem sequer um país como o meu, de rica tradição em psicanálise – seria meu território. Havia decidido que queria me pensar como analista latino-americano, neste continente inconcluso, imperfeito, fértil. Viajava então – como Michaux, um bárbaro na Ásia – para descobrir, como Montesquieu em suas *Cartas Persas*, o local, aquilo que não pode ser inteiramente apreendido senão de fora.

Havia começado a conhecer cada vez mais a América Latina, esse continente que nem sequer tem claro seu nome (América Latina ou Iberoamérica, Hispano-América, América do Sul são alguns de seus heterônimos, enquanto o próprio núcleo de sua nomenclatura, o topônimo “América”, parece ter sido expropriado pelo Grande Irmão ao norte do Rio Bravo). E se tornavam cada vez mais evidentes para mim certos efeitos coloniais onipresentes no território e no coração mesmo da psicanálise, em suas instituições e praticantes. Era algo que deveria ser inconcebível em uma prática que é uma variante do pensamento crítico, que tem por objeto a ampliação da margem de liberdade de cada sujeito, que implica necessariamente desprender-se de certas amarras simbólicas. Víamos, e ainda vemos, pelo espelho disforme do Outro, em geral a Europa, a quem nos é fácil erigir como ideal. Muitos psicanalistas, sejam os que se tornaram vice-reis ou meros caciques locais, não faziam mais do que transmitir

a doutrina europeia, seja a da tradição ou a da novidade, em um espelho mimético pelo qual nos cabia somente o mero papel de receptores, nunca criadores e inventores de um pensamento original. O olhar condescendente das metrópoles, que enxergam nos habitantes da América Latina um mercado pujante, havia se encarnado em nós.

Ainda pior, a segregação que a América hispanófona sofria da Europa reproduzia-se internamente em relação à América lusófona. Em ambas as regiões – onde nasce o veneno nasce também a salvação, dizia o verso de Hölderlin – havia tradições de pensamento crítico que se opunham a esse olhar: Roberto Fernández Retamar (em Cuba), Hugo Achugar (no Uruguai), Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral (e seus ecos tropicalistas no Brasil) e mesmo Aimé Césaire (decolonial em língua francesa). O Calibã que revidava seus criadores ou os canibais que deglutiam os evangelizadores abriam caminho para pensar e nos pensarmos a partir de outro lugar. Em todas as versões, não se tratava de propor um isolamento empobrecedor, dentro de nossas fronteiras, mas de receber, nutrir-se do alheio, processá-lo, metabolizá-lo, elaborá-lo freudianamente para exportá-lo com a marca original de nosso território e de nossa maneira de pensar o mundo.

Esse desprezo latente dos países hispanófonos, maioria na América Latina, ao único país de língua portuguesa na região (que, mesmo tendo escala continental, é apenas um) gerou um empobrecimento mútuo. E esse foi meu descobrimento nos anos anteriores à publicação original deste livro, um descobrimento que anunciou muitos outros que se seguiram. “Descobri”, como Pedro Álvares Cabral em 1500, o Brasil.

É claro que se trata de ironia. Nem eu nem Cabral “descobrimos” um país-mundo que aí já estava, habitado, entre outros, pelos Tupi, que alimentaram o imaginário antro-

pofágico, e por seus herdeiros. Era eu, antes, que o estava perdendo. Mas, por sorte, me deparei com o Brasil.

Dez anos depois da confecção do mapa surrealista, Ary Barroso compunha *Aquarela do Brasil*, essa canção mítica que se converteu na trilha sonora de um filme que à época me fascinou, *Brazil – O filme*. Nessa história retrofuturista de Terry Gilliam, o Brasil se convertia em algo mais do que um país, e o mistério velado de uma *terra incognita* carregava um sentido ligado à liberdade que só é possível nos sonhos. Quando vi esse filme pela primeira vez, mal conhecia o país que pude descobrir depois, graças à ascese da viagem e a uma preciosa interlocução com amigos e colegas brasileiros.

Se hoje tivesse de fazer meu próprio mapa, um mapa em que a geopolítica estivesse orientada pelo desejo, à maneira dos surrealistas, o Brasil, um dos pontos sobre os quais minha mutação se articulou, ocuparia um lugar central. Nesse mapa, mesmo que eu não viajasse ao Brasil, mesmo que não falasse do Brasil, o Brasil – como no filme de Terry Gilliam – estaria presente. Daí a necessidade desta nova introdução, daí minha alegria por esta nova tradução, uma nova versão deste livro, em língua portuguesa.

O Brasil foi para mim durante muito tempo esse triângulo fértil entre Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, o reverso daquele Triângulo das Bermudas onde as coisas desapareciam, pois nessas cidades, e entre elas, muitas coisas aparecem. A partir delas, a psicanálise se desenvolveu e se irradia com uma força arrebatadora. Cada vez mais cidades aparecem, tanto em minha memória quanto em minha imaginação, e uma fronteira viva se estende cada vez mais em direção às margens desse triângulo inicial. É de se esperar que não seja uma expansão sem consequências (e que não replique o que aconteceu em relação à Europa ou ao

Rio da Prata), que a psicanálise se refrate em Fortaleza ou no Recife, em Pelotas ou em Brasília, para retornar transformada às cidades de onde partiu.

Hoje o Brasil é um lugar onde estou em casa, com todo o familiar e o incômodo que podem habitar esse termo. E que este pequeno livro encontre uma edição na língua de Drummond de Andrade ou Pessoa, numa editora como a Quina, onde também me sinto em casa, é uma festa para mim.

## II

O futuro não é apenas uma consequência do passado, mas aquilo que o condiciona e até o modifica, e é isso que faz a magia da psicanálise. É inevitável extrair essa conclusão sobre o tempo em psicanálise, radicalmente contraintuitivo. Desse modo, a palavra alemã que Freud usou foi *Nachträglichkeit*, traduzida como *a posteriori*. Indica que aquilo que vem depois muda o que aconteceu antes. É aquilo que o ditado iorubá diz bem: *Exú matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje*. E que a literatura conhece desde antes. Borges, falando de Tlön, dizia que haviam se permitido “interrogar e até modificar o passado, que agora não é menos plástico e menos dócil que o porvir”. Ou, como dizia aquela piada soviética cunhada nos tempos de Stalin, “o passado é imprevisível”, para indicar que o futuro parecia seguro, que seria obviamente socialista, mas que o passado de uma pessoa podia ser mudado caprichosamente caso caísse em desgraça. Todas essas expressões falam da mesma coisa, e aqui, ao se publicar este pequeno livro, isso importa de verdade: como uma terceira versão de um livro é capaz de modificar as anteriores.

Isso exige rastrear uma pequena história. Pois a primeira versão deste livro, que agora chega ao leitor em português, foi escrita em castelhano, minha língua materna, a pedido de um editor italiano que publica também em inglês. Só depois o livro foi publicado em sua língua original. Assim como no *Quixote* a segunda parte faz eco à recepção pública da primeira, cada uma das versões recolhe ecos da anterior, que relê, e esses ecos não apenas retornam enriquecendo a leitura do novo, mas habilitam uma releitura do já publicado, a partir de outro ângulo.

A versão em espanhol, a segunda publicada, menciona e permite ler melhor a primeira versão em inglês, e com ela o urso polar antártico que aguçou minha imaginação, aquele que meu amigo Federico Lavezzo nomeou e romancou. Esse urso impossível e errante, que serve de guia nesta viagem, atravessa cada edição sugerindo novas leituras, a exemplo dos prefácios a edições anteriores deste livro (escritos pela psicanalista italiana Lorena Preta e pela filósofa Diana Sperling). Um livro é também a soma das leituras e interpretações a que serve de pretexto, e estas se tornam quase comentários talmúdicos que fazem com que o escrito volte a ser lido de modo inédito, como se aquilo que foi escrito durante o dia tivesse sido reescrito de modo insolente durante a noite. É assim que funcionam os livros quando ganham vida própria e se desprendem dos caprichos do autor.

Uma leitura da versão em castelhano deste livro, redigida com sensibilidade e maestria por José Antonio Sanches de Castro, assinala que, no momento de sua escrita original, este livro não podia ter incluído aquilo que mais tarde, nos tempos de pandemia, acabou se revelando sobre nossa espécie e, em particular, sobre nosso anacrônico ofício. Naquele momento, nós, analistas lentos, analógicos, nos

confrontamos de repente com a necessidade e o desafio de fazer existir nossos consultórios na virtualidade. E essa virtualidade — que já existia como possibilidade, mas que só se tornou massiva com a pandemia — não fez senão potencializar o caráter nômade da psicanálise, que havia sido colocado em xeque pela sua forçada sedentarização burguesa nas cidades do Ocidente, como se fosse mais uma profissão liberal entre outras. Como sugere essa leitura inteligente, a necessária estrangeiridade da psicanálise encontra aí, não sem dificuldades para resolver, vitaminas para se potencializar.

### III

Não deve haver na América Latina país mais isolado do que o Chile, o país mais ocidental do Extremo Ocidente. A Cordilheira dos Andes funciona como uma cortina de pedra que dificulta o intercâmbio com o resto da região, à qual esse país, que é puro litoral marinho, terra de poetas, de algum modo vira as costas. Mas ali nasceu e trabalha Eugenio Dittborn, um artista singular, que fez da limitação uma mola para sua imaginação.

Descobri Dittborn porque soube que havia concebido parte de sua obra como um trabalho de luto a partir da perda de seu analista. Intei-rei-me sobre sua imensa obra de pinturas aeropostais, que havia concebido nos anos 1980, para, entre outras coisas, contornar as limitações da ditadura pinochetista. O artista começou a dobrar em quatro um papel de embrulho de grandes dimensões e, ao descobrir depois as marcas das dobras, revelou-se a ele aquilo que marcaria sua obra até hoje. Sua pintura se tornaria plana e flexível, poderia viajar por meio mundo em envelopes de correio que

seriam exibidos como parte da obra, com seus selos, itinerários e vistos, recém-desdobrada ao chegar ao museu onde seria exposta. Seria nesse suporte que Dittborn mostraria suas fotografias extraídas de prontuários policiais ou os retratos indígenas que encontrara em revistas antropológicas antigas, seus desenhos infantis, seus cadáveres mumificados que de repente se tornariam errantes. Quis vê-lo, conversar com ele.

Marquei uma entrevista em seu ateliê em La Reina, aproveitando uma parada em Santiago antes de meu voo partir para Tóquio (onde compraria, ainda não sabia, mas o tempo funciona assim, deslocado, um velho mapa de Asakusa, dobrado como um aerpostal de Dittborn, que depois encontraria lugar neste livro que ainda não havia sido escrito). Não houve como fazer Dittborn falar do luto que me interessava, ele falou do que quis, e eu embarquei para o Japão, a segunda das viagens que enquadraram meu trabalho de escrita.

A caminho do aeroporto, no veículo que me levava, conversei com dois poetas chilenos que viajavam como jurados para um concurso literário. Conheciam Dittborn, claro, e a história sangrenta que havia forçado o artista a conceber sua obra aerpostal. Conheciam, por exemplo, uma anedota narrada por outro grande escritor chileno, Roberto Bolaño: que uma turma de escritores frequentava aulas em um ateliê de literatura conduzido por Mariana Callejas, enquanto na mesma casa e ao mesmo tempo, em outro andar, seu marido, que trabalhava para a CIA, torturava pessoas.

Surpreendeu-me encontrar em Dittborn um modo de pensar a circulação da arte que se assemelhava ao modo com o qual gosto de pensar a circulação da psicanálise, um modo *transperiférico*. Assim se chamava uma grande exposição que ele fez na Austrália em 1989, contornando as metrópoles da

arte (e da psicanálise) como Paris, Nova York ou Londres, estabelecendo um diálogo entre as margens, sem mediação, sem triangular com as grandes capitais que ditam o cânone.

Por que falo de Dittborn no contexto de uma nova edição em língua portuguesa? Porque este livro, e as voltas que deu, pode ser concebido também como uma aeropostal, como o veículo de um diálogo transperiférico.

Finalizo estas linhas após uma exploração de outra das margens do mundo, tendo chegado há pouco da China e da Coreia, onde comprovei, mais uma vez, o quanto é urgente e necessário pensar a psicanálise a partir das margens. Esse diálogo poderia desenhar um mapa mais próximo ao dos surrealistas do que a representação tradicional a que estamos habituados, o mapa de uma conversa em que o Pacífico, e não a Europa, está no centro. Talvez não seja casual que na projeção de Mercator, que formatou nosso modo de pensar, a Europa, por estar afastada do Equador, apareça representada, assim como a Groenlândia, com um tamanho bem maior do que o real.

Só através de uma conversa transperiférica é que podemos entender a psicanálise como *movimento*, não apenas no sentido clássico com que Freud concebia a história dos nossos quando escreveu sua *História do movimento psicanalítico*, mas também no sentido físico da palavra.

Enquanto movimento, a psicanálise é movida por um duplo jogo de forças: se pela força centrípeta se mantém imantada em direção a um centro (tanto em termos de identidade histórica e institucional quanto de critérios de formação, ideais e textos fundadores), é pela força centrífuga que se projeta para as margens onde aparece problematizada, interrogada, aberta ao porvir. Se de um lado está a tradição, do outro esperamos a invenção. A psicanálise precisa, para

continuar empenhada nessa luta permanente contra a entropia, de uma interlocução com o Outro. Esse Outro poderá ser outra teoria, outra língua ou outra disciplina, mas não há Outridade mais absoluta do que aquilo que o Oriente encarna para o Ocidente.

Mesmo depois de “descoberta” pela Europa, mesmo depois de reconhecida, com vacilações, como América, nosso continente recebia esporadicamente o nome de *terra incognita*. Agrada-me pensar o lugar não como algo conhecido, cartografado ao detalhe a ponto de ter liquidado todo mistério, mas como um mundo ainda por descobrir, onde segredos e perigos espreitam. Cada tradução é, nesse sentido, uma oportunidade de tornar novamente estranho o que se julgava conhecido, de esquecer os nomes para pensar o território como *terra incognita*.

Quando um livro empreende uma viagem transperiférica, não se sabe onde pode acabar. Um livro que escrevi a partir de uma carta convite redigida em italiano para ser publicado em inglês, um livro escrito em castelhano, mas só publicado nessa língua *a posteriori* da versão em inglês, um livro que começa e termina com caracteres cirílicos e que gravita sobre a estrangeiridade, um livro que o leitor agora pode ler em português, verá também a luz, desenhado mais do que escrito, em ideogramas chineses.

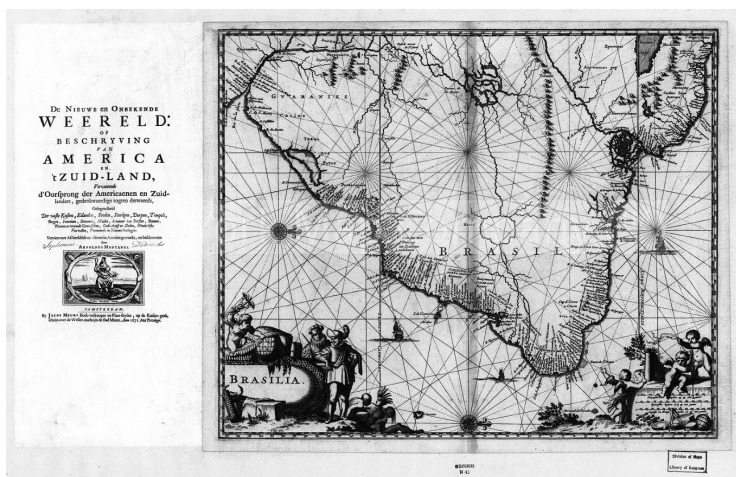
É no entre-línguas que as coisas interessantes acontecem. E as línguas, como sublinha Barbara Cassin, são como os rebanhos, não param nas fronteiras; migram, deixam marcas umas nas outras, se transformam e mantêm, ao mesmo tempo, sua singularidade. Tratando-se de línguas, de novo Cassin, sempre é preciso mais de uma.

Só me resta esperar que esta nova tradução – aqui, mais uma vez, a cargo do trabalho sutil de Julián Fuks – funcione

não como mera transferência de sentido para outra língua, mas, na linha de Benjamin, Foucault, Berman, Cassin e tantos outros, como um projétil lançado ao desconhecido, capaz de perturbar a língua de chegada e ao mesmo tempo fazer com que a língua de partida se torne outra, e que eu mesmo, o autor, possa me ler de outro modo através do prisma das leituras desse Outro que é para mim cada leitor.

*Mariano Horenstein*

(Tradução do prefácio: Lia Serra)



# ОСТРАНЕНИЕ

Imagino que o leitor ache estranha a palavra que acaba de ler. Imagino também que volte a olhar a capa do livro, revise outras páginas para ter certeza de que a edição que tem nas mãos é a certa e que não se confundiu. Talvez esse leitor eventual também pense que houve um erro tipográfico, despercebido. Enfim, um deslize.

A vida do erro pode ser fértil e a história das ideias é pródiga em exemplos de que, através desse caminho, verdades podem ser iluminadas. Mas não neste caso, não se trata de um erro.

Eu poderia, para aliviar a perplexidade do leitor, transliterar essa palavra do alfabeto cirílico ao romano. Então:

## OSTRANENIE

Não muda muito, como se pode perceber. O sentido continua nos parecendo alheio. E não é ruim que seja assim. Talvez o sentido seja algo que possa se acrescentar *a posteriori* – essa é a temporalidade mais afeita à gramática inconsciente – e deva permanecer, por ora, opaco.

Por um lado, porque o sentido *sempre* é opaco, mesmo quando pretendemos (com a conotação que tem essa palavra em espanhol e português, mas também com sua inflexão em inglês, como falso cognato, *to pretend*, fingir) a clareza prístina da comunicação científica sem fissuras. O mal-entendido é inerente à linguagem e ninguém pode garantir que todos entendem uma palavra do mesmo jeito. Menos ainda que seja entendida com o mesmo sentido que o emissor buscou dar.

Isso supondo que o sentido que o emissor quis dar às suas palavras seja unívoco para ele mesmo, coisa que também não se deve tomar como garantida.

A comunicação científica não é muito útil quando pretendemos nos aproximar do detalhe, da capilaridade do inconsciente que, como o Diabo, habitualmente se mete no meio desbaratando supostos acordos e consensos. Deus, como Flaubert já sabia, também está nos detalhes. E essa estranha palavra russa que nos serve de pretexto permite a coabitação momentânea de ambos. A ciência, lembra Neil Postman, deixou de ser uma forma de contar histórias. E por isso existe a psicanálise, que recolhe aquilo que a ciência exclui: o sujeito e a experiência que lhe concerne. Em um preciso momento, no começo do século passado, surge a psicanálise não como continuidade, mas como ruptura, quase como um acidente do pensamento científico (Legendre).

Essa palavra, *ostranenie*, põe em ação e recupera a potência das palavras como veículos de histórias. O espírito da narração que Benjamin tanto prezava reaparece como por milagre através de uma palavra russa. Esse espírito, ancorado na oralidade e cuja perda supôs um dilaceramento da experiência, é o que a estranha prática da psicanálise de algum modo recupera, e é a partir dele que encontra sua legitimidade.

Essa palavra, então, é apenas um significante e um tanto de desconcerto. E, além dos possíveis significados a desdobrar, encerra acima de tudo um ponto de enunciação: o lugar a partir do qual essas páginas podem ser lidas.

Lugar que não é tributário de um relativismo cultural da moda, não pretende revogar o etnocentrismo tão habitual no Ocidente com velhas artimanhas. Não irá buscar argumentos nas ilhas Trobriand ou em Samoa, muito menos importá-los enlatados de Londres ou de Paris. Apenas busca reintroduzir

um grão de estranhamento no discurso psicanalítico, que por muito ser reproduzido se banaliza, que por ser transmitido por instruções se achata, que por se tornar profissão se aburgesa. Com sorte, talvez conseguirei, com esse grão de estranhamento, não diria mover o deserto – como Borges imaginava ter feito em seu *Atlas* – mas contaminá-lo, despojá-lo de toda familiaridade.

Pois isso é o que a *остранение* introduz, uma ruptura da familiaridade: faz aparecer um iceberg no deserto, enjaula um dragão no zoológico, permite que entre um xerpa no consultório do analista. Também provoca um ligeiro desconforto, pois gostamos de sentir que compreendemos, que nos entendemos quando falamos ou quando lemos. O frágil laço entre os humanos, sempre a ponto de se romper, precisa da ilusão do entendimento comum.

*остранение* é o que a psicanálise introduz, enquanto modo de leitura, na clínica e na vida cotidiana, esse estranhamento que permite tornar inteligível o que se via sem ver até então, a cotidianidade mais corriqueira. Revogar a familiaridade de determinado fenômeno, não para fazer aparecer ali o ominoso, mas sim o atípico e o irrisório, o absurdo, até o cômico. Fazer passar o próprio como o outro para entender a alteridade radical que as ilusões do eu escondem. E aplicar também a *остранение* ao próprio dispositivo analítico, a espartana disposição mobiliária em que se revisa uma vida e se decide o destino daqueles que nele confiam. Desnaturalizá-lo, submetê-lo à prova do estrangeiro, incomodar qualquer intelecção prévia, qualquer saber estabelecido, assumir a intempérie.